

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**



Cenas cortadas: um memorial da Aids

Um podcast que resgata a vida do Rono, um amante do samba e da vida que foi vítima da Aids nos anos 1980

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

EDSON ANTONIO DE ARAUJO JUNIOR

Cenas cortadas: um memorial da Aids

Um podcast que resgata a vida do Rono, um amante do samba e da vida que foi
vítima da Aids nos anos 1980

SÃO PAULO - SP

2023

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

EDSON ANTONIO DE ARAUJO JUNIOR

Cenas cortadas: um memorial da Aids

Um podcast que resgata a vida do Rono, um amante do samba e da vida que foi
víctima da Aids nos anos 1980

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Comunicação Social, com
Habilitação em Jornalismo, apresentado ao
Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Luciano Victor Barros
Maluly

São Paulo - SP
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Araujo Junior, Edson Antonio de
Cenas cortadas: um memorial da Aids: Um podcast que
resgata a vida do Rono, um amante do samba e da vida que
foi vítima da Aids nos anos 1980 / Edson Antonio de
Araujo Junior; orientador, Luciano Victor Barros Maluly.
- São Paulo, 2023.
65 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Jornalismo e Editoração / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Aids. 2. anos 1980. 3. memorial. 4. Piraju. 5.
Romualdo Dias Vieira. I. Barros Maluly, Luciano Victor.
II. Título.

CDD 21.ed. -
302.2

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Nome: Araujo Junior, Edson Antonio de
Título: Cenas Cortadas: um memorial da Aids

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca:

Nome: Luciano Victor Barros Maluly
Instituição: Universidade de São Paulo

Nome: Luiz Fernando Santoro
Instituição: Universidade de São Paulo

Nome: Talita Flavia Silva Martins
Instituição: Agência Aids

A todos que perderam alguém pela Aids.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos meus pais, Silvana e Edson. Se, hoje, estou me formando na melhor universidade da América Latina, é por conta deles. Eles me ensinaram a sempre acreditar no meu potencial e que eu poderia voar muito longe. Eu saí sozinho da minha cidade natal, Maceió, com 17 anos para estudar jornalismo na maior metrópole do país. E isso só aconteceu por conta deles.

Ao resto da minha família, pela companhia e pelo afeto. À Tita, por estar ao meu lado por tantos anos. Aos meus amigos, de São Paulo e de Maceió, que são meu porto seguro e me fizeram sorrir mesmo quando duvidei de mim mesmo. Eles me ajudaram a crescer em todos os momentos da minha vida, pessoal e profissionalmente.

À Emily, minha cachorrinha, por ser minha companheira de sempre.

Aos meus colegas de profissão com quem trabalhei e aos jornalistas que dedicam sua carreira ao formato podcast. Eu me apaixonei por esse formato desde o primeiro dia da faculdade e me inspiro neles.

Aos amigos jornalistas, Kaynã de Oliveira, por ter me emprestado sua linda voz para um trecho do primeiro episódio do podcast, e Mariana Arrudas, por ter utilizado seus dons para fazer a arte do programa no Spotify.

Às fontes do meu trabalho: Carlinhos Barreiros, Tânia Guerra, José Luiz, Renata Camargo, Antonia Oliveira e Norton Costa, por terem compartilhado suas lembranças de uma pessoa muito querida para vocês que morreu há mais de 30 anos, o protagonista desse trabalho. Espero que este trabalho tenha honrado sua memória.

Ao meu orientador Luciano Maluly, por ter aberto os caminhos para a história que contei no TCC, pelos ensinamentos e pela paciência em todas as etapas do trabalho. Assim como a todos os professores do CJE.

E, por fim, ao Romualdo Dias Vieira, o Rono, a quem eu dediquei os 90 minutos do meu trabalho. Eu não te conheci, mas tenho certeza que você foi — e ainda é — uma luz que nunca vai apagar.

RESUMO

Desde o surgimento dos primeiros casos de Aids no mundo, no fim dos anos 1970, até 2022, mais de 85 milhões de pessoas foram infectadas e mais de 40 milhões morreram por doenças decorrentes do vírus HIV. Esses dados são da Organização Mundial da Saúde (OMS). Em 1982, foi identificado o primeiro caso de Aids no Brasil, doença que ainda era pouco conhecida no mundo todo mas que vinha infectando e levando à morte um alto número de pessoas, principalmente homens homossexuais. Durante o auge da epidemia do vírus HIV no mundo, nos anos 1980 e 1990, a doença era vista como uma “sentença de morte” para quem a contraía, devido à falta de tratamento e seu alto poder letal à saúde. E foi por conta dela que perdemos grandes celebridades do país, sendo provavelmente os mais renomados dentre elas Cazuza e Renato Russo. Essas histórias são bastantes conhecidas por ampla divulgação na mídia. Mas elas não são as únicas. Em formato de rápidodocumentário e dividido em três episódios, este trabalho traça um perfil e honra as memórias do Romualdo Dias Vieira, mais conhecido como Rono, um professor de artes nascido em Piraju (SP) que faleceu por conta da Aids em 1989. Ele nunca teve sua história lembrada igual a famosos que tiveram a doença no anos 1980. Além de ser professor, ele também foi uma celebridade do carnaval pirajuense e desbravador da noite paulistana. Essa é uma forma de manter vivas as lembranças de quem a Aids atingiu no auge da epidemia.

Palavras-chave: Aids, anos 1980, memorial, Piraju, Romualdo Dias Vieira.

ABSTRACT

Since the emergence of the first cases of AIDS in the world, in the late 1970s, until 2022, more than 85 million people have been infected and more than 40 million have died from diseases resulting from the HIV virus. These data are from the World Health Organization (WHO). In 1982, the first case of AIDS was identified in Brazil, a disease that was still little known around the world but which had been infecting and leading to the death of a high number of people, mainly homosexual men. During the height of the HIV virus epidemic in the world, in the 80s and 90s, the disease was seen as a “death sentence” for those who contracted it, due to the lack of treatment and its high lethality to health. Due to the disease Brazil lost its greatest celebrities, such as Cazuza and Renato Russo. These stories are well known and widely publicized in the media. But they are not the only ones. In radio documentary format and divided into three episodes, this academic work profiles and honors the memories of Romualdo Dias Vieira, better known as Rono, an arts teacher born in Piraju-SP who died from AIDS in 1989. He never had his story remembered like famous people who had the disease in the 1980s. In addition to being a teacher, he was also a celebrity at the carnival from Piraju and a pioneer of the São Paulo nightlife. This is a way to keep alive the memories of those affected by AIDS at the height of the epidemic.

Keywords: 1980s, AIDS, memorial, Piraju, Romualdo Dias Vieira.

LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
HIV	Sigla em inglês para vírus da imunodeficiência humana
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	12
2.0. OBJETIVO	15
3.0. METODOLOGIA	16
4.0 PERSONAGENS	18
5.0 EPISÓDIOS	19
5.1. ATO 1: EU AMO SÃO PAULO	19
5.2. ATO 2: PAIXÕES	19
5.3. ATO 3: A ÚLTIMA DANÇA	20
6.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
7.0. REFERÊNCIAS	22
APÊNDICES	24
APÊNDICE A - Lista de imagens	24
APÊNDICE B - Roteiro Episódio 1	29
APÊNDICE C - Roteiro Episódio 2	41
APÊNDICE D - Roteiro Episódio 3	54

1.0 INTRODUÇÃO

A Aids ainda se configura como um dos grandes temas do debate público nacional. Hoje, a doença não tem mais a taxa de mortalidade que um dia já teve, e o HIV não é o vírus que mais ganha visibilidade na mídia, muito por conta da pandemia do vírus de covid-19 nos últimos anos.

Mas os números provam que essa ainda é uma questão de relevância: no Brasil, estima-se que aproximadamente 990 mil pessoas vivem com HIV nos dias de hoje sendo, só em 2022, mais de 51 mil novos casos de infecção. Esses dados são do relatório global do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) de 2023¹.

Segundo o mesmo estudo, caso haja um forte trabalho de prevenção por parte dos países de todo o mundo, a epidemia pode ter fim em 2030. Porém, ainda com base nele, o Brasil só cumpriu uma das três metas das Nações Unidas para o fim da epidemia. A meta se baseia no modelo “95, 95, 95”, que se refere às porcentagens a serem alcançadas pelos países no número de pessoas que vivem com HIV e sabem seu diagnóstico, número de infectados que estão em tratamento e número de infectados com carga viral suprimida. O Brasil atingiu 88% para o primeiro caso, 83% para o segundo e 95% para o terceiro. Ou seja, atingiu somente uma das metas.

Além disso, segundo dados do Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2022², realizado pelo Ministério da Saúde com dados sobre a doença em 2021, o número de novos casos cresce de forma mais acentuada em determinados grupos da sociedade brasileira, como negros, moradores da região Norte e jovens. De 2020 para 2021, as novas infecções na região Norte cresceram em 21%, maior número dentre as regiões do Brasil. Só em 2021, 60,6% dos novos casos de detecção foram em pessoas negras, o que engloba pretos e pardos. E, se comparados os anos de

¹ Disponível em:

<https://unaids.org.br/2023/07/relatorio-global-do-unaids-mostra-que-a-pandemia-de-aids-pode-acabar-ate-2030-e-descreve-o-caminho-para-alcançar-esse-objetivo/>

²Disponível em:

<https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids>

2011 e 2021, o número de novos casos entre jovens do gênero masculino cresceu em 20%.

De dez anos para cá, surgiram diversas novas formas de prevenção, como as profilaxias de medicamentos antirretrovirais, a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) e a Profilaxia Pós-Exposição ao HIV (PEP). Por meio delas, é possível se prevenir da contração da doença com o uso dos medicamentos antes da exposição a situações de risco — caso da PrEP — e em até 72 horas após uma situação de risco — caso da PEP. Além disso, também é possível utilizar a PrEP no modelo “sob demanda”, que consiste no uso do medicamento somente horas antes da exposição, com a continuação do uso por mais dois dias. Todas elas, juntamente com o autoteste para HIV, estão disponíveis gratuitamente pelo SUS atualmente.

O tratamento da AIDS também não foi uma prioridade para o Governo Federal no passado recente. Em 2022, o governo Bolsonaro havia retirado R\$ 407 milhões destinados à prevenção, controle e tratamento de Aids do Orçamento de 2023 em relação ao que havia sido destinado em 2022. Com a mudança na gestão governamental, a proposta não foi para frente, mas fica claro que os últimos quatro anos foram períodos de poucos avanços no que diz respeito a investimento para o tratamento do vírus.

Todos esses dados chegam a uma conclusão: a Aids ainda é um tema importante de discussão na sociedade brasileira. E é um problema que vai muito além de saúde pública. A doença, hoje, é mais prevalente em públicos de determinados perfis, incluindo negros, transsexuais, residentes de locais longes das grandes metrópoles e homens jovens.

Foi a partir dessas indagações que surgiu o interesse em contar a história do Romualdo Dias Vieira, um verdadeiro colecionador de boas histórias que morreu por conta da Aids em 1989. Este trabalho busca produzir um memorial da Aids com base na vida do Rono, em formato de um podcast de três episódios produzidos para o programa Universidade 93,7 da Rádio USP.

Além disso, o podcast utiliza uma história individual para contar como era a Aids naqueles anos, quando tudo era incerto e a estigmatização era enorme.

Também são lembradas histórias do Rono que nada tem a ver com a Aids, como sua paixão pelo carnaval e suas aventuras na cidade de São Paulo. Essa é uma forma de humanizá-lo e mostrar que sua vida foi muito além que a doença.

Dessa forma, por meio das memórias, esta pesquisa buscou traçar um paralelo da estigmatização da doença dos anos 1980 com os dias de hoje.

2.0. OBJETIVO

Resgatar as histórias do Romualdo Dias Vieira, que morreu devido à contração da Aids, com o intuito de construir um memorial em formato de podcast. Com isso, estimular a reflexão do quão ainda é importante falar sobre a Aids.

Cada episódio tem entre 29 e 30 minutos.

3.0. METODOLOGIA

Inicialmente, consumi produtos audiovisuais, textos, bancos de dados e livros que tratam de todo o panorama histórico que permeia a epidemia de Aids no Brasil.

Após isso, com ajuda do meu orientador Luciano Maluly, me deparei com a história do Romualdo Dias Vieira, o Rono. Foi a partir disso que comecei a conversar com familiares e amigos que foram próximos a ele durante sua vida. Eles lembraram com muito carinho do Rono, que morreu há mais de 30 anos.

Eu fiz todas as entrevistas com exceção de uma, com o amigo de carnaval do Rono, o Norton Costa, que foi feita pelo Luciano Maluly.

Após isso, transcrevi as entrevistas, fiz o roteiro do programa e gravei minhas sonoras. Por fim, editei o áudio e adicionei efeitos sonoros e músicas com objetivo de criar um produto final com qualidade em termos de técnica e de conteúdo. As músicas foram escolhidas com o intuito de resgatar o que fazia sucesso nos anos 1980 e 1990. Sendo assim, como uma forma de homenagem, foram usadas muitas canções de artistas que morreram de Aids, como Freddie Mercury (da banda Queen), Renato Russo (da banda Legião Urbana) e Cazuza.

O jornalista Kaynã de Oliveira fez uma das sonoras do programa, presente no início do primeiro episódio e a jornalista Mariana Arrudas fez a capa do programa para veiculação no Spotify.

Como a história do Rono é tão vasta e cheia de nuances, decidi dividir o programa em três episódios, no que chamei de três atos, fazendo referência ao seu amor pelo teatro. O ato 1 se chama “Eu amo São Paulo” e conta as histórias do Rono na capital paulista; o ato 2 é denominado “Paixões” e explora os grandes amores do protagonista: a família, a cidade natal, o teatro, o cinema, as artes, e, principalmente, o carnaval; o ato 3 se chama “A última dança” e conta com detalhes como que o Rono lidou com a Aids e como a doença era vista no Brasil nos anos 1980.

A escolha do título da série “Cenas Cortadas: um memorial da Aids” é uma referência a mais uma paixão do Rono: o cinema. É como se as cenas da vida do Rono tivessem sido cortadas de maneira inesperada, justamente por conta da Aids. Além disso, este trabalho é apenas um corte de cena de tudo que ele viveu.

Este programa se inspirou em podcasts narrativos de bastante sucesso como o “Praia dos Ossos”, realizado pela Rádio Novelo e o “Projeto Humanos”, de autoria do jornalista Ivan Mizanzuk.

4.0. PERSONAGENS

Para este trabalho, foram escutadas sete pessoas que conviveram com o Rono:

Carlinhos Barreiros - Escritor, professor e Jornalista. Foi grande amigo do Rono e morou com ele em São Paulo (SP).

Tânia Guerra - Jornalista. Ela e o Rono participaram juntos da escola samba Juventude Alegre, de Piraju (SP).

Antonia Oliveira - Aposentada. Amiga do Rono da cidade de Piraju (SP).

Renata Camargo - Gerente comercial. Sobrinha do Rono.

José Luiz - Comerciante. Sobrinho do Rono.

Norton Costa - Agente comunitário de saúde. Fazia parte da escola de samba Unidos do Bairro Alto, de Piraju (SP), e participava dos desfiles de carnaval da cidade junto ao Rono.

Luciano Maluly - Professor universitário e jornalista. Amigo do Rono da cidade de Piraju (SP).

5.0. EPISÓDIOS

5.1. ATO 1: Eu amo São Paulo

O primeiro episódio da série “Cenas Cortadas: um memorial da Aids” começa com a leitura de uma emocionante nota do jornal Folha de Piraju de 1994, que foi escrita pelo professor Carlinhos Barreiros e é uma homenagem ao Rono cinco anos após sua morte. A leitura dessa nota foi feita pelo jornalista Kaynã de Oliveira, que conseguiu trazer emoção ao conteúdo.

O episódio, então, começa contando quem é o Rono e explora alguns pontos importantes da sua vida, como ser gay assumido nos anos 1960, atitude pouco comum no Brasil da época.

Ao prosseguir, são relatadas as melhores histórias do Rono quando morou na cidade de São Paulo, para onde ele se mudou após completar 18 anos. A principal fonte desse episódio é o Carlinhos Barreiros, quem escreveu a nota lida no início do programa e que era um dos melhores amigos do protagonista.

Além disso, também foi ouvida a Tânia Guerra.

5.2. ATO 2: PAIXÕES

O segundo episódio da série explora, em diferentes momentos, as principais paixões do Rono: o carnaval, sua família, seu fusca azul, o teatro e o cinema.

Cada um desses temas é lembrado por pessoas que nasceram em Piraju e estiveram próximo ao Rono em algumas dessas searas de sua vida.

Para esse episódio, foram ouvidos o Carlinhos Barreiros, a Tânia Guerra, o José Luiz, a Renata Camargo, o Norton Costa e a Antonia Oliveira e o Luciano Maluly.

5.3. ATO 3: A ÚLTIMA DANÇA

O terceiro e último episódio da série explora de perto os últimos anos de vida do Rono, época em que ele voltou a morar em Piraju após descobrir o diagnóstico de Aids.

Nele, é contado como o personagem lidou com a doença e é feito um panorama de como era grande o preconceito com pessoas soropositivas na época.

Também é separado um momento para que todas as fontes com quem conversei para a série contassem qual memória têm viva do Rono até hoje, mesmo mais de 30 anos após sua partida.

Para esse episódio, foram ouvidas todas as pessoas do episódio anterior: Carlinhos Barreiros, Tânia Guerra, José Luiz, Renata Camargo, Norton Costa, Antonia Oliveira e Luciano Maluly.

6.0. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo esse trabalho, pude ter uma noção mais concreta de como a Aids era cruel para quem a contraía nos anos 1980 e 1990. Não que hoje o preconceito ainda não ainda seja alto, mas na época era uma desumanização sem tamanho. Ouvir as pessoas que viveram com o Rono em seus últimos anos de vida me mostrou mais fortemente o quanto importante é lembrar de histórias como a dele. Na época, ele não contou para praticamente ninguém de seu diagnóstico e, além do medo por ter uma doença sem cura, ele chegou até a não ser aceito no hospital de sua própria cidade natal, Piraju, para ser internado.

Foi de grande realização ajudar as pessoas que conviveram com o Rono a relembrar as boas histórias que viveram com ele quando eram jovens.

A entrevista com o Carlinhos Barreiros foi uma das mais importantes para o trabalho, pois foi a que mais explorou a vida do Rono tanto na capital paulista quanto na cidade de Piraju e me ajudou a ter uma visão mais clara de como era a vida deles e a cena gay paulistana dos anos 1970 e 1980.

Além disso, vi com clareza o poder que o formato de rádio tem em amplificar histórias, por trazer as vozes das pessoas com toda a dramaticidade e a emoção que elas carregam. Este trabalho não seria igual em nenhum outro formato. Um vídeo, por exemplo, não teria muito impacto, pois são pouquíssimos os registros visuais do Rono que sobreviveram ao tempo, e um texto não traria toda a potência que o áudio traz às vozes das fontes.

7.0. REFERÊNCIAS

- BARCELLOS, Jorge. O memorial como instituição no sistema de museus.** Ministério Público do Paraná. Porto Alegre, 1999. Disponível em:
<<https://memorial.mppr.mp.br> > File > Barcellos>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- BARREIROS, Carlinhos. Entrevista concedida a Edson Junior.** São Paulo. 11 set. 2023.
- Boletins Epidemiológicos** – Linha do tempo. Disponível em:
<<http://antigo.aids.gov.br/pt-br/centrais-de-conteudos/boletins-epidemiologicos-vertic>al>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2022.** Disponível em:
<<https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- CAMARGO, Renata. Entrevista concedida a Edson Junior.** São Paulo. 3 nov. 2023.
- Carta para Além dos Muros.** Direção de André Canto. 2019.
- Conheça a história da epidemia de Aids.** Folha de S.Paulo. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2021/11/conheca-a-historia-da-epidemia-de-aids.shtml>>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- COSTA, Norton. Entrevista concedida a Luciano Maluly.** Piraju. 14 out. 2023.
- Data HIV - World Health Organization.** Disponível em:
<<https://www.who.int/data/gho/data/themes/hiv-aids#:~:text=Since%20the%20beginning%20of%20the,at%20the%20end%20of%202022>>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- GUERRA, Tânia. Entrevista concedida a Edson Junior.** São Paulo. 27 set. 2023.
- História da Aids - Linha do tempo.** Disponível em: <<http://antigo.aids.gov.br> > historia-aids-linha-do-tempo>. Acesso em: 15 jul. 2023.

LUIZ, José. **Entrevista concedida a Edson Junior**. São Paulo. 3 out. 2023.

MAIA, Marta. **Perfis no Jornalismo: Narrativas em Composição**. Florianópolis, 2020.

Meu Nome é Jacque. Direção de Angela Zoé. 2016.

MIZANZUK, Ivan; **Projeto Humanos**. Disponível em:

<<https://www.projetohumanos.com.br/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MOREIRA, Ivome. **A Filosofia Política de Edmund Burke**. São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Antonia. **Entrevista concedida a Edson Junior**. São Paulo. 4 out. 2023.

Os Primeiros Soldados. Direção de Rodrigo de Oliveira. 2022.

Paris Is Burning. Direção de Jennie Livingston. 1990.

Praia dos Ossos. Rádio Novelo. Disponível em:

<<https://radionovelocom.br/originals/praiadosossos/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Relatórios e publicações. UNAIDS. Disponível em:

<<https://unaids.org.br/relatorios-e-publicacoes/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

Relatório Global do UNAIDS mostra que a pandemia de AIDS pode acabar até 2030 e descreve o caminho para alcançar esse objetivo. Disponível em:

<<https://unaids.org.br/2023/07/relatorio-global-do-unaids-mostra-que-a-pandemia-de-aids-pode-acabar-ate-2030-e-descreve-o-caminho-para-alcançar-esse-objetivo/>>.

Acesso em: 15 jul. 2023.

The Aids Memorial. Disponível em:

<<https://www.instagram.com/theaidsmemorial/>>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TIMERMAN, Artur; MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da Aids**. Belo Horizonte, 2015.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Lista de imagens



Imagen 1 - Rono e Antonia no carnaval de Piraju (Crédito: Acervo Antonia Oliveira)



Imagen 2 - Rono, circulado em azul, junto com familiares e amigos (Crédito: Acervo Renata Camargo)



Imagen 3 - Capa deste podcast para veiculação no Spotify (Crédito: Mariana Arrudas)



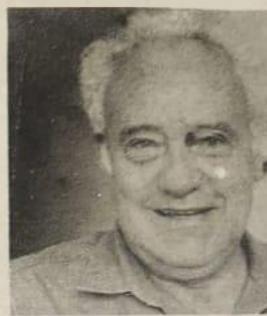
Suplemento Regional da FO

CARLINHOS BARREIROS

Memória livre de Rono

Prêmio Ary Gurjão
Maraia

O prefeito do município de Tejupá, Herivelto Maraia, receberá no próximo sábado o Prêmio Ary Gurjão/FOLHA como prefeito de 1993. Desde o início de sua gestão, Maraia vem se destacando a frente da Prefeitura de Tejupá, mostrando uma administração austera, o que fez com que fosse possível a realização de várias obras prioritárias. Neste passado, Maraia conseguiu construir núcleos habitacionais para o município, uma quadra coberta de levar com recursos próprios e várias melhorias para Tejupá e Ribeirão Bonito.



Doreto

O prefeito de Sarujá, Doreto, recebe o prêmio Ary Gurjão. O prefeito de Sarujá, Doreto, é um homem que vem realizando uma administração social em seu município. Mesmo da campanha contra ele, desfeita por Betim Nacional, Doreto já virou assistência aos mais humildes, a cozinha piloto cheia de 800 refeições por dia.

Manesco

O prefeito José Manesco, de Fartura, foi um grande nome no ano de 1993. Manesco despertou o interesse de toda a U.M.E. a União dos Municípios.

s atrações culturais da cidade nos dos personagens do especial genial Urbano com Celina Silva e a fagulha para o artista.

dd o nome ao troféu e adora

or dentro:
a final do São Paulo
umar Chopp
ir de casa

r Fora:
mer chocolate demais
ber demais
rmir demais

ACONTECE

tar do salário deixou o emprego, sem saber muito bem o que fazia algum tempo. Depois de passar anos cuidando de uma propriedade de propriedade da família, a ideia de montar a CHOCOLATEIRO. O negócio deu certo, e sua esposa Izabel estão esfondados como comerciantes de sua cidade. A CHOQUE, investimento exclusivo de Eduardo que utilizava economias e muito trabalho resultado da ousadia e da crença acima de tudo é preciso gostar se faz. Gente que acontece caba acontecendo assim, com desejo de coragem.

SARIOS

Cassano, Erica Medeiros de Vieira Nascimento, Thiago Corona, Celso Marques Matos, Iza Cardoso, Carlos Diogo de Faria, Edna Motta, Maria

No mês que vem, setembro, vai completar cinco anos que Rono morreu. Seus amigos que não o esqueceram nem declararam agora, consternados, que o mundo ficou mais escuro sem ele. E bem mais triste. Ele era deslumbrante, com pessoas mágicas, teatrais e falancas que enchiham de vida qualquer ambiente. Era absolutamente impossível ficar triste perto dele. Eu nunca tive um amigo igual ao Rono. Para falar bem a verdade, nem sei mais amigos tive. Apenas conhecidos, aqueles pessoas que você nunca integral a amar de verdade e que se desaparecem amanhã voce levaria semanas para dar pela falta. Só gentinha assim, ou desinteressante. Nem sei mais dessas duas coisas é a pior. Fui amigo de Rono desde o começo e isso me conta bem algumas décadas atrás. Hemos o TG juntos, e até que passamos incômodos pelas neuroses e pelo machismo absoluto da vida militar. Era o 17 e ele o 66. Terminado esse longínquo e interminável ano, Rono foi embora para São Paulo, cidade que sempre amou e que era a cara de um cosmopolita, agitada e interessante. Nunca me esqueço de nós dois juntos na esquina da Ipiranga com a Joá num fim de tarde fumacê. Rono abriu bem os braços, inspirou aquele ar e berrou.

—Eu amo esta cidade! Eu amo a

Tudo que porventura soasse estranho ou ridículo em outra pessoa, ele caía como uma luva. Ele era assertivo e pronto. Fazia tudo parecer verdadeiro e mágico, nem que fosse a maior asneira.

Fui reencontrar Rono quando também me mudei para São Paulo, no começo dos loucos anos 70. Nunca tivemos a capital o mesmo amor e intuição que ele, mas quando badalámos juntos pela infinita noite paulistana, poderíamos muito bem estar na Nova York ou San Francisco.

Resgate da dolorida memória trazidas naquele café da São Luiz, estrelas no Eduardo lotado e todas as casas de teatro e todos os filmes do mundo. Agora parece que ninguém

nem se lembra mais. Mas aqueles anos eram os da repressão, da ditadura militar. Havia sempre um soldado, um cachorro ou um camburão com a bocarra escancarada à nossa espreita. Uma vez, num show da Bethânia no Maria Della Costa a multidão de mais de cinco mil pessoas empurrou tanto que as portas de vidro do teatro se estilhaçaram. Num minuto a polícia, tropa de choque, tinha cercado o quarteirão. Com dobermanes e metralhadoras em nossos calcanhares, e em meio ao tumulto geral, eu e Rono pulamos o muro de um estacionamento. Ali, escondidos debaixo dos carros, ficamos até o dia clarear. E depois fomos embora, dando risada e jurando nunca mais comprar um disco da Bethânia. Muitas histórias daquela época estão para sempre vivas em minhas lembranças e Rono está presente em todas. Seu otimismo constante e seu senso de humor único sempre tornavam mais interessantes uma ida ao pavilhão da Bienal no Ibirapuera, um fim de semana na Praia Grande ou a première de Cabaret, com Liza Minelli, onde tive a chance de dormir e jamais fui perdoado. Afinal, como bem dizia Rono, ninguém dorme quando Liza canta. E, como sempre, estava coberto de raios.

Nos reencontramos novamente em Piraju, ambos de volta e mais velhos, mas nunca mais sábios ou experientes. Ficávamos horas e horas conversando no fusquinha azul, falando de filmes, de rock, de amores, de paixões e de tudo aquilo que só os grandes amigos podem conversar.

E fico contente que Rono tenha se ido no apogeu. Meu amigo sempre fez de sua vida um filme, e sua partida não poderia ser diferente.

Sem cabelos brancos, como James Dean, e sem rugas, como Marilyn Monroe, Rono cumpriu sua trajetória de estrela. Seus amigos sentem a falta da sua luz. Mas todas as coisas boas da vida são muito breves. E essa estrela continua a brilhar. Se assim não o fosse, o resgate dessa homenagem sincera não teria sentido nenhum.

Imagen 4 - Nota da Folha de Piraju de 1994 em homenagem ao Rono, escrita pelo Carlinhos Barreiros (Crédito: Luciano Maluly)



Imagen 5 - Lápide do caixão do Rono, em Piraju (Crédito: Luciano Maluly)



Imagen 6 - Caixão do Rono, em Piraju, onde ele está enterrado ao lado dos irmãos Maria José Vieira e Manoel Dias e a mãe Rosa Vaz Vieira (Crédito: Luciano Maluly)

APÊNDICE B - Roteiro Episódio 1

TEC VINHETA INÍCIO UNIVERSIDADE 93,7

LOC Leitura de nota da Folha de Piraju (voz de Kaynã de Oliveira)

+ No mês que vem, setembro, vai fazer cinco anos que Rono morreu. Os seus amigos que não o esqueceram podem declarar agora, consternados, que o mundo ficou mais escuro sem Rono. E bem mais triste. Ele era dessas pessoas mágicas, teatrais e falantes, que enchem de vida qualquer ambiente. Era absolutamente impossível ficar triste perto dele. Eu nunca mais tive um amigo igual ao Rono. Para falar bem a verdade, nem mais amigos tive. Apenas conhecidos, sabe, aquelas pessoas que você nunca chegará a amar de verdade e que se desaparecem amanhã, você levaria séculos para dar pela falta. Só gentinha, falsa, ou desinteressante. Nem sei qual dessas duas coisas é a pior. Fui amigo de Rono desde o começo e isso remonta bem algumas décadas atrás.

+ Fizemos o Tiro de Guerra juntos, e até que passamos incólumes pelas neuroses e pelo machismo absoluto da vida militar. Eu era o 17 e ele o 66. Terminado esse longínquo e interminável ano, Rono foi embora para São Paulo, cidade que sempre amou e que era a cara dele: cosmopolita, agitada e interessante. Nunca me esqueço de nós dois parados na esquina da Ipiranga com a São João num fim de tarde fumacento. Rono abriu bem os braços, inspirou aquele ar e berrou: “Eu amo esta cidade! Eu amo a poluição!”.

+ Tudo que porventura soasse teatral ou ridículo em outra pessoa, nele caía como uma luva. Ele era assim e pronto. Fazia tudo parecer verdadeiro e mágico, nem que fosse a maior asneira. Fui reencontrar Rono quando também me mudei para São Paulo, no começo dos loucos anos 70. Nunca tive pela capital o mesmo amor e entusiasmo que ele, mas quando badalávamos juntos pela infinita noite paulistana, poderíamos muito bem estar em Nova York ou San Francisco. Resgate da dolorida memória madrugadas naquele café da São Luiz, jantares no Eduardo lotado e todas as peças de teatro e todos os filmes do mundo. Agora parece que ninguém nem se lembra mais. Mas aqueles anos eram os da repressão, da ditadura militar. Havia

sempre um soldado, um cachorro ou um camburão com a bocarra escancarada à nossa espreita.

+ Uma vez, num show da Bethânia no Maria Della Costa a multidão de mais de cinco mil pessoas empurrou tanto que as portas de vidro do teatro se estilhaçaram. Num minuto a polícia, tropa de choque, tinha cercado o quarteirão. Com dobermans e metralhadoras em nossos calcanhares, e em meio ao tumulto geral, eu e Rono pulamos o muro de um estacionamento. Ali, escondidos debaixo dos carros, ficamos até o dia clarear. E depois fomos embora, dando risada e jurando nunca mais comprar um disco da Bethânia. Muitas histórias daquela época estão para sempre vivas em minhas lembranças e Rono está presente em todas. Seu otimismo constante e seu senso de humor único sempre tornavam mais interessantes uma ida ao pavilhão da Bienal no Ibirapuera, um fim de semana na Praia Grande ou a première de Cabaret, com Liza Minelli, onde tive a cara-de-pau de dormir e jamais fui perdoado. Afinal, como bem dizia Rono, ninguém dorme quando Liza canta. E, como sempre, estava coberto de razão.

+ Nos reencontramos novamente em Piraju , ambos de volta e mais velhos, mas nunca mais sábios ou experientes. Ficávamos horas e horas conversando no fusquinha azul, falando de filmes, de rock, de amores, de paqueras e de tudo aquilo que só os grandes amigos podem conversar.

+ E fico contente que Rono tenha se ido no apogeu. Meu amigo sempre fez de sua vida um filme, e sua partida não poderia ser diferente. Sem cabelos brancos, como James Dean, e sem rugas, como Marilyn Monroe, Rono cumpriu sua trajetória de estrela. Seus amigos sentem a falta da sua luz. Mas todas as coisas boas da vida são muito breves. E essa estrela continua a brilhar. Se assim não o fosse, o resgate dessa homenagem sincera não teria sentido nenhum.

TEC MÚSICA “UNDER PRESSURE - QUEEN”

LOC

+ Essa leitura foi feita por Kaynã de Oliveira.

+ O texto foi publicado em 1994 no jornal Folha de Piraju e escrito pelo professor e jornalista Carlinhos Barreiros.

- + Como o nome já diz, esse jornal é da Estância Turística de Piraju, pequena cidade localizada no interior de São Paulo.
- + Rono, homenageado no texto, é o protagonista desta emocionante história que eu irei te contar.
- + Eu sou o Edson Junior e, hoje, você vai acompanhar mais uma edição do Universidade 93,7.
- + O programa de hoje é o *Cenas cortadas: um memorial da Aids*.
- + Ato 1 - Eu amo São Paulo.

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

LOC

- + Dividido em três episódios, este programa revelará a história de Romualdo Dias Vieira, o Rono, uma quase celebridade do carnaval pirajuense, colecionador de boas histórias, professor e grande entusiasta da vida que teve seu ponto final adiantado pela Aids.
- + A vida do Rono é uma história digna de uma peça de teatro ou até de um filme.
- + Pelo que conversei com as pessoas que viveram próximas a ele, é como se ele fosse uma personalidade que abrilhou Piraju dos anos 1960 aos anos 1980.
- + Nos anos 1980, Piraju tinha quase a mesma população de hoje, em torno de trinta mil habitantes.
- + Parece que todo mundo que viveu na cidade na época sabe quem é o Rono.
- + Seja por ser um ícone do Carnaval da cidade, pelo grande carisma, pela coragem de ser gay assumido nos anos 1960 ou até pelo memorável fusca azul com o qual ele rodava a cidade.
- + A história dele foi mais uma que se perdeu após o auge da epidemia de Aids, nos anos 1980. Mas, neste especial, iremos lembrá-la.
- + No primeiro episódio, vamos conhecer quem foi o Rono e o que podemos chamar dos anos de ouro de sua vida.

TEC MÚSICA “DON’T STOP ME NOW - QUEEN”

LOC

- + De quase dois metros de altura, cabelos pretos cacheados e entusiasta de roupas extravagantes. Esse era o Romualdo Dias Vieira, mais conhecido como Rono.
- + Ele nasceu em 17 de dezembro de 1945, na cidade de Piraju, interior de São Paulo.
- + O Rono é filho da Dona Rosalina e do Seu José Dias e tinha 6 irmãos.
- + 5 desses irmãos eram filhos da Dina Rosalina e outro, o José Afonso, era filho do primeiro casamento do Seu José Dias.
- + Rono era o caçula da família. Quando ele era criança, o pai faleceu.
- + Então, Dona Rosalina teve que criar os filhos sozinha. A mãe sempre foi uma grande inspiração para o Rono.
- + Quem o conheceu o descreve como uma pessoa divertida, engraçada, contagiatante, muito bonito...
- + E acho que a característica que mais escutei enquanto fazia este programa é que ele é uma pessoa inesquecível!

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Esse é o Carlinhos Barreiros. Sim, o mesmo que escreveu a nota da Folha de Piraju que você ouviu logo no início do programa.
- + O Carlinhos é escritor, dramaturgo, professor e jornalista.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Uma das primeiras memórias do Carlinhos com o Rono aconteceu no Tiro de Guerra de Piraju.
- + Esse é um programa do Exército Brasileiro presente em diversas cidades do país que existe até hoje.
- + Nele, jovens do gênero masculino participam de atividades de prestação de serviços militares durante um determinado período de tempo.
- + É como se fosse uma escola primária para se tornar soldado.

- + Rono e Carlinhos Barreiros participaram do programa juntos em 1963, ano em que o Tiro de Guerra era obrigatório quando os homens completavam 18 anos em Piraju.
- + Se, hoje, o Exército ainda não é visto como um lugar confortável para pessoas que não estão dentro do padrão social de heteronormatividade, imagina nos anos 1960...
- + Mas isso não parou o Rono.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Por ser um ambiente nada convidativo, muitos homens gays buscavam formas de driblar o Tiro de Guerra.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Aliás, a própria sexualidade nunca parece ter sido um grande problema para o Rono.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Eu também conversei com a Tânia Guerra, quem você está ouvindo falar.
- + Ela é jornalista e participou junto ao Rono da escola de samba Juventude Alegre, que desfilava no carnaval de Piraju.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Agora, vamos voltar à linha do tempo de como o Rono e o Carlinhos Barreiros se aproximaram.

- + Algum tempo após o fim do Tiro de Guerra em que Rono e Carlinhos participaram juntos, o Rono foi morar na cidade grande.
- + Ele se mudou para a cidade de São Paulo, onde passou boa parte de sua vida.
- + Lá, ele era professor de artes. Ele dava aula em duas escolas, uma no período da manhã e outra no período da tarde.
- + Muitas pessoas que conviveram com o Rono na capital paulista, hoje, já não estão mais entre nós ou seguiram rumos distantes do Rono há décadas atrás.
- + Algumas delas, inclusive, também faleceram por decorrência da Aids.
- + Mas quem realmente foi a grande dupla do Rono de bons momentos na cidade grande foi o Carlinhos Barreiros.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Pouco tempo depois de se mudar para São Paulo, Carlinhos começou a dividir apartamento com o Rono.
- + Eles moravam na Baixada do Glicério, bairro do centro da cidade, localizado próximo à região da Liberdade.
- + Foi no centro da cidade onde eles viveram suas melhores histórias juntos. Eles eram daquelas duplas que faziam tudo junto.
- + O Rono era uma pessoa muito culta, fanático por filmes, exposições e teatro. E o Carlinhos também.
- + Eles adoravam ir a shows e peças de teatro, bater papo até altas madrugadas, compartilhar as melhores histórias de seus namoros e, claro, desbravar a noite paulistana juntos.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + A Galeria Metrópole fica localizada no bairro da República, no centro da cidade.
- + Nos anos 1960 e 1970, era um point lotado de bares, boates, livrarias e muitos outros estabelecimentos.

TEC MÚSICA “I FEEL LOVE - DONNA SUMMER”

LOC

- + Já sem o fervo de antes, a Galeria Metrópole segue aberta até hoje, com lojas e restaurantes.
- + A Galeria era só um dos espaços do centro da cidade onde rolava a night paulistana.
- + Outro lugar que eles iam era a Boate Medieval, na Rua Augusta.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + O Carlinhos também relembra alguns casos que o Rono viveu na época.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Enquanto vivia na Baixada do Glicério, o Rono também se envolveu em alguns relacionamentos.
- + Para preservar a identidade, vamos colocar um ruído no áudio do Carlinhos no momento em que o nome da pessoa com quem o Rono namorou é citado.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + E, então, depois do sumiço, eles descobriram que a pessoa com quem o Rono se relacionava tinha se descoberto uma mulher trans.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Em um país com tantas dificuldades vividas por mulheres trans, essa pessoa sumiu depois de um tempo.
- + Carlinhos até hoje não sabe o paradeiro da antiga conhecida.
- + O desaparecimento ou até a morte de mulheres trans, infelizmente, era algo comum na São Paulo dos anos 1970 e 1980, marcada pela marginalização dessa população.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

LOC

- + Você está ouvindo o Universidade 93,7. Eu sou o Edson Junior e estou apresentando o primeiro episódio do programa Cenas cortadas: um memorial da Aids.
- + Neste especial, eu teuento as histórias do Romualdo Dias Vieira, o Rono.
- + Ele foi um amante da vida, desbravador da noite paulistana dos anos 1970 e 1980 e ícone do Carnaval de Piraju.
- + Ao fim da vida, o Rono passou a ser lembrado pela forma como morreu. Ele foi uma das vítimas da Aids no auge da epidemia da doença no Brasil.
- + Este programa te mostra que a história de vida dele foi muito mais que a Aids.
- + Vaidoso como era, o Rono tinha cabelos encaracolados que eram parte essencial de seu visual.
- + Mas o que poucos sabiam é que, na verdade, esses cabelos não eram nada mais que... uma peruca!

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + A peruca era uma parte do Rono. Era como se fosse uma peça de roupa obrigatória para sempre que ele estava na companhia de alguém.
- + A amiga do Rono que você escutou há algum tempo neste programa, a Tânia Guerra, também se recorda dessa característica.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Uma vez, o segredo do aplique do Rono quase foi descoberto.
- + Isso aconteceu em uma das festas que ele foi com o Carlinhos.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Para o Rono, seria uma gafe horrível que a peruca saísse no meio da festa.
- + Quem salvou o amigo foi o Carlinhos.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Essa é uma história que exemplifica como era a amizade dos dois e as aventuras que viviam juntos.
- + Eles eram jovens da geração de Woodstock, marcada pelo amor livre e pela liberdade.
- + Alguns anos depois, mais especificamente em 1989, as pessoas ficaram sabendo da perda do Rono por um motivo trágico.
- + Esse foi o ano em que ele faleceu.
- + Após a morte, ele foi enterrado sem acessório nenhum no rosto. Ou seja, ele foi exposto no caixão careca, sem a peruca que sempre o acompanhava.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Quando o Carlinhos fala “para cá”, ele se refere à Piraju, onde o Rono foi enterrado.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

TEC MÚSICA “SERÁ - LEGIÃO URBANA”

LOC

- + Os momentos vividos em São Paulo entre o Carlinhos e o Rono aconteceram nos loucos anos 1970 e 1980. Anos em que o Brasil passava por uma Ditadura Militar...

TEC ÁUDIO DE SOLDADO MARCHANDO

LOC

- + Os dois faziam parte de um dos grupos que era perseguido pelos militares: o de pessoas LGBTI+.
- + Os amigos eram contra o regime, mas não exerciam uma participação política muito ativa.
- + Ainda assim, eles foram abordados pelos militares na época.
- + O Carlinhos lembra primeiro da vez em que ele próprio teve que lidar com os censores.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + A repressão dos militares era uma prática comum em uma região do centro que era conhecida como quadrilátero gay de São Paulo.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Diferente do Carlinhos, Rono não teve a mesma sorte.
- + Ele chegou a ser preso junto o amigo Hamilton Maluly, famoso dramaturgo de Piraju autor de peças de teatro como Adiós, Geralda E Bye, Bye, Pororoca.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + O Carlinhos se lembra que o Rono presenciou alguns métodos de tortura usados pelos militares com as travestis que foram presas com ele.
- + Esse era mais um grupo que era alvo de marginalização pelo regime.L

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

TEC MÚSICA “DESTINY & TIME - TRAVELATOR”

LOC

- + Como em um drama digno de Oscar, os anos de ouro da dupla Carlinhos e Rono foram interrompidos por tragédias.
- + Primeiramente, Carlinhos retornou a Piraju para ajudar a cuidar da mãe que ficou doente. Toda a família dele ainda vivia no interior.
- + E depois, o Rono também retornou à cidade, após a descoberta do diagnóstico de Aids.
- + Na época em que ele voltou, quase ninguém sabia que ele tinha o vírus, somente que ele estava doente.
- + Mais tarde, a família ficou sabendo.
- + Mas a maioria dos conhecidos do Rono só souber mesmo do diagnóstico após sua morte.
- + Quando ele voltou para Piraju, era como se ele desejasse passar os últimos anos de vida próximo à família.
- + Afinal, nos anos 1980, a Aids era vista como uma sentença de morte.

TEC MÚSICA “DESTINY & TIME - TRAVELATOR”

LOC

- + No próximo episódio deste programa, você conhecerá melhor as paixões do Rono: a família, a cidade natal, o teatro, o cinema, as artes, e, principalmente, o carnaval.
- + As pessoas próximas ao Rono com quem conversei dizem que ele era uma das atrações principais dos desfiles de escolas de samba do Carnaval de Piraju.
- + Ele fazia fantasias fabulosas para desfilar pela escola de samba Juventude Alegre. Depois dele, nunca apareceu ninguém igual a ele na cidade.
- + Acompanhe aqui, no Universidade 93,7, o segundo episódio deste especial.

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

- + A produção, edição, direção e roteiro deste programa foram feitos por mim, Edson Junior.
- + A narração foi feita em conjunto com o jornalista Kaynã de Oliveira.
- + A arte de capa deste programa no Spotify foi feita pela jornalista Mariana Arrudas.
- + As entrevistas e a pauta foram feitas por mim, com o auxílio do professor Luciano Maluly, orientador deste trabalho.
- + Este programa é um Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da USP.
- + Este episódio usou um áudio do canal do Youtube História Resumida e trechos das músicas Pro dia Nascer Feliz de Cazuza; Under Pressure da banda Queen; Don't Stop Me Now também da banda Queen; I Feel Love de Donna Summer e Será da banda Legião Urbana.
- + Você também pode ouvir este programa na íntegra no Spotify e no site usp.br/radiojornalismo.
- + Obrigado por nos acompanhar e até mais!

TEC VINHETA ENCERRAMENTO UNIVERSIDADE 93,7

APÊNDICE C - Roteiro Episódio 2

TEC VINHETA INÍCIO UNIVERSIDADE 93,7

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

+ Essa que você acabou de ouvir é a Tânia Guerra. Ela é jornalista e ex-integrante da Juventude Alegre, escola de samba da Estância Turística de Piraju, pequena cidade do interior de São Paulo.

+ É dessa escola que ela comentou que fez parte.

+ A pessoa que ela está descrevendo que estava com a fantasia caindo durante o desfile é o Romualdo Dias Vieira, mais conhecido como Rono.

+ Ele era uma das maiores estrelas do carnaval pirajuense durante aquela época.

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

LOC

+ Agora, aqui no Universidade 93,7, você está acompanhando o segundo episódio do programa Cenas cortadas: um memorial da Aids.

+ Neste especial, eu, Edson Junior, conto quem foi o Rono, uma quase celebridade do carnaval pirajuense, colecionador de boas histórias, professor de artes e grande entusiasta da vida.

+ Rono tinha quase 2 metros de altura, era amante de shorts preto e roupas extravagantes, e usava uma bela peruca de cabelos pretos cacheados para esconder a careca.

+ Além de tudo isso, ele foi mais uma das vítimas da Aids no fim dos anos 1980. E, não, ele não era famoso e o nome dele nunca apareceu nos maiores jornais do país.

+ Mais de 30 anos depois que ele faleceu, dedicamos este espaço para relembrar e honrar a vida dele.

+ No episódio anterior, conhecemos um pouco mais das aventuras do Rono quando ele morava em São Paulo, onde viveu boa parte de sua vida.

- + Neste episódio, as pessoas que conviveram com o Rono contam como eram os dias em que ele passava em Piraju, cidade onde nasceu. (02:32)
- + E, também, vamos conhecer quais eram as paixões dele e porque isso cativava tanto as pessoas que viviam ao seu redor.
- + O principal amor dele era o Carnaval.
- + Ato 2 - Paixões

TEC SAMBA ENREDO JUVENTUDE ALEGRE 2010

LOC

- + Pouco tempo após atingir a maioridade, Rono partiu para a cidade grande.
- + Mas, apesar de ser um apaixonado declarado pela capital paulista e pelas vivências que só ela proporciona, nosso personagem tinha muito carinho pela terra natal.
- + Em feriados e datas comemorativas, ele sempre retornava à Piraju.
- + Quando ia para o interior, Rono ficava na casa da mãe, a Dona Rosalina.
- + O Rono tinha 6 irmãos, cinco deles eram filhos da Dona Rosalina.
- + Todos eles, incluindo a mãe, já não estão mais entre nós.
- + Mas, na época em que viviam juntos, o samba corria nas veias dessa família.
- + Quem lembra disso é o José Luiz, sobrinho do Rono.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

LOC

- + O José Luiz é filho do Luis Roberto, um dos irmãos mais velhos do Rono.
- + O carnaval era o grande elo que unia toda a família. E o Rono era a grande estrela desse momento.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

LOC

- + O Rono era conhecido por suas fantasias extravagantes e cheias de vida no Carnaval.
- + Ele já desfilou tanto em Piraju quanto na capital paulista.
- + Mas o lugar onde ele fazia mais sucesso mesmo era em Piraju.
- + Ele desfilava pela Escola de Samba Juventude Alegre, que tem uma vasta história na cidade de Piraju. Ela foi fundada em 1974 e existe até hoje.

TEC SAMBA ENREDO JUVENTUDE ALEGRE 2010

LOC

- + O Carnaval de Piraju, cidade que tinha cerca de 30 mil habitantes nos anos 1980, só acontecia por conta do empenho das pessoas que amavam estar ali.
- + E a apresentação do Rono em cima do carro alegórico era o momento de maior glamour da festa.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

LOC

- + Mas um desfile de Carnaval não se levanta sozinho.
- + Nos anos 1970 e 1980, todo mundo fazia um pouco de tudo na Escola de Samba Juventude Alegre.
- + Uma grande companheira do Rono nesses dias foi a Tânia Guerra, a mesma que você ouviu no início deste programa.
- + Ela é uma amante do samba de longa data assim como o Rono.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Pelas lembranças da Tânia, era o próprio Rono que bancava as fantasias glamourosas.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Até as pessoas que participavam de outras escolas de sambas de Piraju tinham muito carinho e admiração pelo que o Rono fazia na cidade. A rivalidade entre as escolas ficava só no papel.
- + Na hora da festa, o que importava era a alegria e a vontade de fazer com que a cidade fosse palco de um espetáculo durante o carnaval.
- + Esse é o caso do Norton, que trabalha com Carnaval há mais de 40 anos.
- + O Norton era jovem na época em que conviveu com o Rono e fazia parte da Escola de Samba Unidos do Bairro Alto. (08:32)

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + Mesmo sendo de uma escola rival, o Norton ajudava o Rono a fazer as fantasias para os desfiles.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + E foi nesse dia em que o Rono estava vestido de pássaro que aconteceu a história que a Tânia contou no início do programa, de quando ele ficou preso no carro alegórico.
- + Eu fiz uma pauta para entrevistar o Norton e o professor Luciano Maluly, que também é de Piraju e conheceu o Rono na época em que ele desfilava, foi quem gravou a entrevista.
- + Durante a entrevista, o Luciano lembrou do episódio da fantasia de pássaro.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + O Rono queria levar o Carnaval de uma cidade grande como São Paulo para uma cidade pequena como Piraju.
- + O Norton disse que se criava um cenário muito diferente do que havia na maioria das cidades do interior.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + Com todo esse sucesso, o Rono fez parte de memórias inesquecíveis para quem viveu aqueles carnavais.
- + O Rono morreu em 1989.
- + Um ano após a sua morte, a escola de samba Juventude Alegre fez homenagem a ele durante o desfile de Carnaval.
- + Para o Carlinhos Barreiros, escritor e um dos melhores amigos do Rono, o carnaval pirajuense nunca mais foi mesmo após a partida do amigo.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

LOC

- + Você está ouvindo ao Universidade 93,7. Eu sou o Edson Junior e estou te acompanhando no segundo episódio do especial Cenas Cortadas: um memorial da Aids.
- + Aqui, euuento para você as histórias do Rono, uma quase celebridade do carnaval de Piraju que faleceu por decorrência da Aids, no fim dos anos 1980.
- + Além de ser o lugar que o remetia ao Carnaval, a cidade de Piraju também era onde vivia toda a família do Rono. (13:32)
- + Sempre que voltava de São Paulo para passar fins de semana, férias ou feriados, a mãe e irmã dele o esperavam ansiosamente.

- + Sempre que o Rono ia para o interior, ele ficava na casa da mãe, a Dona Rosalina.
- + Ela morava com alguns dos filhos, incluindo a Zeza.
- + O Norton era um dos grandes amigos da família e lembra da relação carinhosa do Rono com a mãe e a irmã Zeza.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + Quando o Norton fala de jogar, ele se refere a jogar baralho, atividade que a família adorava.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + A família do Rono não tinha muito dinheiro, mas vivia uma vida tranquila.
- + Já quando tinha Aids, um dos sonhos que ele realizou para a mãe foi de reformar a casa dela.
- + Esse momento é lembrado pelos amigos da família.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

- + Esse fusca azul da Zeza... Além das fantasias brilhantes, o veículo era outra das marcas registradas pelas quais o Rono era conhecido.
- + Extravagante como ele, o Rono usava o veículo para rodar pela cidade de Piraju e de São Paulo.
- + Inclusive, ele também dirigia o carro para fazer as viagens entre São Paulo e Piraju.
- + Quem muitas vezes pegava carona era a sobrinha, a Renata Camargo.
- + Ela é filha da Beatriz Vieira de Camargo, irmã mais velha do Rono.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ A Renata era criança na época e acompanhava o tio nas viagens no fusca azul.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ A Renata era o xodó dos tios Rono e Zeza.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ No papel, o fusca azul pertencia à Zeza. Mas na prática mesmo o Rono tomou posse do fusca e era ele quem o usava.

+ Eu perguntei isso à Renata na minha conversa com ela.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ Quando estava em Piraju, o Rono gostava de parar o Fusca Azul em duas das praças centrais da cidade, uma conhecida como Praça da Matriz e outra como Brasilinha.

+ E nelas ele ficava por um bom tempo conversando e passando tempo com amigos.

+ Foi na praça da Matriz que ele conheceu uma de suas grandes amigas, a Antonia.

+ A Antonia era uma grande amiga do Rono com quem ele passava horas e horas na praça Brasilinha.

+ + Ela vive em Piraju até hoje e lembra com muito carinho e saudosismo das vezes em que ele ia de férias para Piraju.

+ Os dois eram grandes companheiros.

TEC ENTREVISTA Antonia

LOC

+ A Antonia e o Rono eram verdadeiros parceiros.

+ Ela vive em Piraju até hoje e lembra com muito carinho e saudosismo das vezes em que ele ia de férias para Piraju e os dois passavam tempo juntos.

+ A Antonia, mais conhecida como Tó, morava em frente à praça Brasilinha e lá eles passavam horas e horas juntos.

+ Os dois se tornaram grandes companheiros. Inclusive, o Rono acabou se tornando grande amigo da família também.

+ O filho da Tó, o Péricles, era criança na época e o Rono gostava de brincar com ele.

TEC ENTREVISTA Antonia

LOC

+ O clima de festa pairava no ar quando Rono e Tó estavam juntos.

TEC ENTREVISTA Antonia

LOC

+ A Tó me enviou uma foto do Rono.

+ São poucas as fotos com o Rono que sobreviveram ao tempo. Muitas das pessoas com quem conversei não têm mais nenhuma guardada.

+ No retrato com a Tó, os dois estão no Carnaval.

+ O Rono aparece em pé com uma camiseta prateada muito brilhante, o cabelo preto cacheado que se tratava de uma peruca e uma gravata borboleta enorme.

+ Para você ter uma noção, um dos laços da gravata ia quase até o umbigo do Rono. Ele também vestia shorts pretos super curtos.

- + Ao lado, está a Antonia, com um vestido prata também muito brilhante e um chapéu de penas.
- + Com uma das mãos, o Rono segura uma das pernas da amiga, além de carregar um papel em formato de coração em que está escrita a palavra “Liquidação”.

TEC ENTREVISTA Antonia

LOC

- + Outra coisa que promovia a união entre os amigos era os filmes.
- + A Tó tinha um aparelho que ainda era pouco comum nas casas brasileiras em Piraju nos anos 1980: um videocassete.
- + Grande fã de cinema, o Rono ia para casa da amiga para assistir a uma série de filmes.

TEC ENTREVISTA Antonia

TEC MÚSICA “GERAÇÃO COCA-COLA - LEGIÃO URBANA”

LOC

- + Agora, vamos conhecer mais uma das paixões que fornecia ao Rono combustível para viver: a arte.
- + Professor de artes, o Rono era um amante de pintura, artesanato e, principalmente, teatro e cinema.
- + O Carlinhos Barreiros, escritor e um dos melhores amigos do Rono, lembra que a arte corria nas veias dele.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Uma das histórias que o Carinhos lembra com mais carinho do Rono exemplifica bem essa capacidade de atuação dele.

- + Carlinhos e Rono eram professores e bancavam a própria moradia na época em que moravam juntos na capital paulista.
- + Por isso, eles não tinham dinheiro para ir ao teatro todas as semanas.
- + Mas, obviamente, não era isso que iria os impedir.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Fora esse dia com o Carlos Imperial, (PAUSA) os amigos sempre conseguiram entrar em todas as peças por conta de como o Rono atuava bem para fingir que era de estudante de teatro.
- + Um dos ídolos do Rono era Ruth Escobar.
- + A atriz e produtora nascida em Portugal mas que viveu no Brasil a maior parte da vida é um dos grandes nomes do teatro nacional.

TEC ENTREVISTA RUTH ESCOBAR - PROGRAMA “PROVOCAÇÕES” DA TV CULTURA

- + Essa é a Ruth Escobar em uma entrevista para a TV Cultura. Ela morreu em 2017.
- + Em 1964, ela inaugurou um teatro próprio, que leva o nome dela e está em atividade até hoje no bairro da Bela Vista, em São Paulo.
- + Com as técnicas para entrar de graça no teatro, Rono e Carlinhos conheceram ela.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + É isso mesmo. O Rono jogou verde e conseguiu fazer com que a superestrela Ruth Escobar acreditasse que conhecia ele.

TEC MÚSICA “EXAGERADO - CAZUZA”

LOC

- + Para além do teatro, a dupla Rono e Carlinhos também era fã da sétima arte.
- + Juntos, eles já viram, riram e se emocionaram juntos com uma porção de filmes.
- + Seja assistindo a uma fita VHS na casa da Antonia em Piraju ou indo à telona do cinema.

TEC MÚSICA “CABARET - LIZA MINELLI”

LOC

- + Outra das divas do Rono era essa mulher que você acabou de ouvir, a Liza Minelli.
- + Ela é atriz e cantora estadunidense e filha da estrela Judy Garland.
- + O filme pelo qual a Liza ganhou mais atenção foi o Cabaret, de 1972.
- + Em formato de musical, ele relata a vida de uma cantora de um cabaré de Berlim nos anos 30, época de ascensão do nazismo.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Eternizada com vestido, chapéu e meia arrastão pretos e cabelos curtos, a Liza Minelli em Cabaret também era uma das inspirações do Rono para as fantasias de Carnaval.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + E a vida do Rono foi assim por um bom tempo: vivendo e compartilhando com o mundo as suas paixões entre as cidades de Piraju e São Paulo.
- + Até que, quando tinha entre 30 e 40 anos, ele foi mais um dos atingidos pela bomba que afetou toda uma geração dos anos 1980.
- + O Rono descobriu o diagnóstico de Aids nessa época.
- + Após o avanço dos efeitos da Aids em seu corpo, ele saiu de São Paulo e voltou a morar em Piraju.

+ Lá, ele viveu os últimos anos de sua vida.

TEC ENTREVISTA Antonia

LOC

+ Quem está falando é a Antonia, a amiga do Rono de Piraju que tinha o reproduutor de fitas cassete em casa.

TEC ENTREVISTA Antonia

TEC MÚSICA “POR ENQUANTO - LEGIÃO URBANA”

LOC

+ No terceiro e último episódio do especial Cenas cortadas: um memorial da Aids, vamos retornar nossa história para Piraju, onde Rono passou seus últimos anos de vida.

+ Já com o diagnóstico de Aids, ele voltou a viver na cidade natal, mais próximo da família.

+ Lá, ele e a família viveram na pele o medo, o preconceito e a estigmatização em relação à Aids nos anos 1980.

+ Além disso, vamos entender como o Rono ainda marca a memória das pessoas que conviveram com ele, mesmo após mais de 30 anos da sua morte.

+ Você pode acompanhar aqui, no Universidade 93,7, o terceiro episódio deste especial.

+ Até mais!

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

+ A narração, produção, edição, direção e roteiro deste programa foram feitos por mim, Edson Junior.

- + Aproveito este espaço para agradecer ao jornalista Kaynã de Oliveira, que fez junto comigo a narração do primeiro episódio deste especial.
- + A arte de capa deste programa no Spotify foi feita pela jornalista Mariana Arrudas.
- + As entrevistas e a pauta foram feitas por mim, com o auxílio do professor Luciano Maluly, orientador deste trabalho.
- + Este programa é um Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da USP.
- + Este episódio trechos das músicas Pro dia Nascer Feliz e Exagerado do Cazuza; Geração Coca Cola e Por Enquanto da banda Legião Urbana; Cabaret de Liza Minelli e o samba enredo de 2010 da escola de samba Juventude Alegre. Além disso, foi utilizado um trecho de um arquivo da TV Cultura.
- + Você também pode ouvir este programa na íntegra no Spotify e no site usp.br/radiojornalismo.
- + Obrigado por nos acompanhar e até mais!

TEC

VINHETA ENCERRAMENTO UNIVERSIDADE 93,7

APÊNDICE D - Roteiro Episódio 3

TEC VINHETA INÍCIO UNIVERSIDADE 93,7

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + A Baixada do Glicério é um bairro localizado no centro da cidade de São Paulo, próximo à região da Liberdade, famoso bairro marcado pela imigração de japoneses.
- + O Carlinhos Barreiros, que você acabou de ouvir, morava nessa região, que era conhecida como “reduto gay”.
- + Uma das pessoas que foi citada na fala é o Rono, apelido para Romuado Dias Vieira. Os dois dividiram apartamento na Baixada do Glicério.
- + Apesar de o Carlinhos ter dito que o Rono não foi um dos afetados pela Aids no início da doença, isso não durou por muito tempo.
- + Ele foi uma das vítimas da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, a Aids, no fim dos anos 1980.
- + Ele faleceu em 1989, na cidade onde nasceu, Piraju, que fica localizada no interior de São Paulo.

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

LOC

- + Agora, aqui no Universidade 93,7, você está ouvindo o terceiro e último episódio do programa Cenas cortadas: um memorial da Aids.
- + Neste especial, eu, Edson Junior, vou recriar os últimos anos de vida do Rono, época em que saiu da cidade de São Paulo, onde morava, para voltar à Piraju. Isso aconteceu após ele descobrir o diagnóstico de Aids.
- + Ele foi uma figura muito marcante para quem viveu em Piraju entre os anos 1970 e 1980.
- + Ele foi praticamente uma celebridade dos desfiles de Carnaval do interior, com suas fantasias brilhantes e glamourosas.

- + Além disso, ele era professor de artes, colecionador de aventuras, amante do cinema e do teatro e uma pessoa de coração enorme que é visto como inesquecível por quem conviveu com ele.
- + No primeiro episódio deste especial, eu contei as melhores histórias vividas pelo Rono na cidade de São Paulo, lugar ele amava.
- + Já no segundo episódio, conhecemos a família do Rono e as paixões dele, como o Carnaval, o seu fusca azul, o cinema e o teatro.
- + Com quase 2 metros de altura, colecionador de roupas extravagantes e usuário de uma bela peruca cacheada para esconder a careca, Rono tinha espírito de alguém que nasceu para brilhar.
- + Mais de 30 anos depois de falecer, estamos lembrando da vida do Rono. Aqui, ele não é só mais uma estatística da Aids. Estatísticas essas que foram altas. E desesperadoras no início.
- + Neste episódio, vamos entender como foi a relação do Rono com a Aids e como o vírus abalou toda uma geração dos anos 1980.
- + Ato 3 - A última dança

TEC MÚSICA “IDEOLOGIA - CAZUZA”

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Você ouviu a Tânia Guerra, jornalista que foi grande amiga do Rono nos tempos de Carnavais em Piraju. Os dois faziam parte da escola de samba Juventude Alegre.
- + Assim como foi para a Tânia, a Aids chegou como uma bomba para o Rono, que fazia parte dessa geração do amor livre dos anos 80.
- + O primeiro caso de Aids no Brasil foi relatado no ano de 1982, justamente na grande metrópole onde ele vivia, a cidade de São Paulo. (05:00)
- + Se você nasceu após os anos 2000, assim como eu, provavelmente você já ouviu na escola que a Aids só pode ser adquirida por meio de relações sexuais desprotegidas ou compartilhamento de fluidos corporais.
- + E também já deve ter escutado o quanto importante é se prevenir durante relações性uais para se proteger da doença.

+ Mas, para quem estava no meio do furacão quando a doença chegou, tudo era muito incerto e ninguém tinha certeza de nada.

+ Foram milhares de vítimas pegadas de surpresa. O Rono foi uma delas.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

+ As primeiras pessoas que contraíram o vírus HIV eram, em sua maioria, homens que tinham relações sexuais com outros homens. (06:12)

+ Tanto é que, na época, a doença ficou conhecida de forma pejorativa como câncer gay.

TEC REPORTAGEM AIDS - PROGRAMA “FANTÁSTICO” DA TV GLOBO

LOC

+ Você acabou de ouvir um trecho de uma matéria veiculada no Fantástico, programa da TV globo, em 1983.

Então, em um meio a muito preconceito e incertezas, homens LGBTI+ tiveram que mudar seus hábitos para tentar se proteger. OU

+ Então, em um meio a muito preconceito e incertezas, homens homossexuais e bissextuais tiveram que mudar seus hábitos para tentar se proteger. OU

+ Juntos, Carlinhos Barreiros e Rono viveram tudo isso de perto.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

+ Foi no meio desse turbilhão de surpresas e mudanças que o Rono saiu definitivamente de São Paulo, onde morou boa parte de sua vida, e voltou para Piraju.

+ Ele não confirmou isso para as pessoas com quem conversei, mas é um consenso entre todos que o Rono voltou à cidade natal após saber do diagnóstico de Aids.

- + Como, infelizmente, o diagnóstico era visto como uma sentença de morte na época, provavelmente ele acreditou que seus dias estavam contados e decidiu retornar às suas raízes.
- + O exato motivo, nós não sabemos. Talvez para ficar mais próximo da família? Ou para fugir do caos de São Paulo e viver a tranquilidade do interior?
- + O que sabemos é que, sim, ele foi ficar mais próximo da família e passou a ter uma vida um pouco menos agitada.
- + Na volta para Piraju, ele foi morar na casa da mãe, Dona Rosalina.
- + Lá moravam alguns dos irmãos do Rono. (08:09) ou
- + Lá moravam alguns dos irmãos do Rono. (08:09), incluindo a Maria José Vieira, mais conhecida como Zeza, de quem o Rono era muito próximo.
- + Ao chegar, ele montou um anexo acoplado à casa da mãe para viver. Era uma suíte só do Rono.
- + Com o dinheiro juntado enquanto trabalhava como professor em São Paulo, Rono ajudou a reformar a casa, que era bem simples.
- + Quando o Rono voltou para Piraju, o Carlinhos Barreiros já tinha deixado São paulo para voltar a morar no interior.
- + Na época, muitas pessoas se surpreenderam que o Rono retornou para a cidade, já que ele era um apaixonado declarado pela capital paulista.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

LOC

- + Quem conviveu muito com o Rono no retorno a Piraju foram seus sobrinhos, o José Luiz e a Renata.
- + O José Luiz era criança nessa época, e a Renata já era adulta, ali na casa dos 20 anos.
- + Apesar de muitos pirajuenses só terem descoberto do diagnóstico do Rono após sua morte, algumas pessoas souberam antes.
- + Eu perguntei ao José Luiz se a família sabia do diagnóstico.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

LOC

- + Os membros próximos da família foram os primeiros a saber.
- + Eles foram um forte ponto de apoio ao Rono durante o tempo em que conviveu com o vírus.
- + Mas, assim como todas as pessoas dos anos 80, eles eram alvos de muita incerteza em relação à Aids.
- + Tudo era muito novo. Ninguém sabia exatamente como a doença poderia ser contraída. E isso gerava cuidados excessivos.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

LOC

- + Eu também conversei com a Renata Camargo.
- + Por ser mais velha que o José Luiz ela ajudou mais ativamente a cuidar do tio Rono.
- + Ela também lembra dos cuidados que as pessoas tinham por não saber do que se tratava a doença.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

- + O tempo foi passando e as doenças oportunistas foram tomando conta do Rono na época.
- + Essas doenças se proliferaram porque a Aids abaixa muito o sistema imunológico quando não é efetivamente tratada. E naqueles anos não existia um tratamento. As doenças oportunistas eram quase que um fluxo natural ao contrair o vírus HIV.
- + A Renata disse que quando ele já estava bem doente começou a rolar um rumor entre algumas pessoas da cidade que ele tinha Aids.
- + E isso fez com que essas pessoas não chegassem nem perto dos familiares do Rono. Tudo por conta do medo e do preconceito.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

- + O preconceito e o medo da doença eram tão grandes que o Rono não foi aceito no hospital de Piraju quando precisou ser internado.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

- + A família só conseguiu internar o tio em Botucatu, outra cidade do interior de São Paulo.
- + A situação era tão trágica que quem teve que dirigir a ambulância que levou o Rono até o hospital foi a Renata.
- + Ela me contou que ninguém queria levar ele.
- + O Rono passou os últimos dias de vida no hospital em Botucatu.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

- + No dia 20 de setembro de 1989, Romualdo Dias Vieira, o Rono, faleceu por conta das doenças oportunistas do HIV.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

TEC MÚSICA “PERFEIÇÃO - LEGIÃO URBANA”

LOC

- + Durante toda a vida, o Rono usava uma peruca de lindos cabelos encaracolados para esconder a sua falta de cabelo.
- + O maior segredo dele talvez nem tinha sido a Aids, mas sim a careca.

+ E a doença foi responsável por também tirar isso dele.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ A mãe da Renata é a Beatriz Vieira de Camargo, a mais velha entre os irmãos do Rono. Ela também já faleceu.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ As pessoas só descobriram da careca do Rono durante o velório.

+ Não foi permitido que colcassem uma peruca nele.

+ Na verdade, não era permitido nem chegar perto do corpo.

+ Até após a morte, a estigmatização continuava.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ A Aids matava não só fisicamente. Ela matava uma pessoa em todos os campos da vida possíveis.

+ E nem após a morte, a pessoa era socialmente respeitada.

+ Mas nem as camadas de aço que escondiam o Rono dentro do próprio caixão foram capazes de diminuir o amor que os amigos e familiares tinham por ele.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ Mas é importante dizer que a Aids não foi capaz de parar a vontade de viver do ícone pirajuense Romualdo Dias Vieira.

- + Ele encantou as ruas por onde passou e as pessoas com quem trombou até o último minuto.
- + Mesmo sendo jovem na época, o José Luiz tem boas lembranças disso.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

TEC VINHETA CENAS CORTADAS: UM MEMORIAL DA AIDS

- + Você está ouvindo o Universidade 93,7. Eu sou o Edson Junior e estamos no terceiro e último episódio do especial Cenas Cortadas: um memorial da Aids.
- + Aqui, você está conhecendo o Rono, uma quase celebridade do carnaval de Piraju, cidade do interior de São Paulo, e uma figura muito querida pelas ruas daquele local.
- + Em dezembro de 1989, muitas pessoas de Piraju foram surpreendidas com a notícia do falecimento do Rono.
- + Se para famosos como o Cazuza, o preconceito com pessoas soropositivas era enorme, com o Rono não foi diferente.
- + Fazendo este programa, é impossível não lembrar da famosa capa da Veja de 26 de abril de 1989, mesmo ano em que o Rono morreu.
- + Na edição, Cazuza, que já convivia com a Aids, aparece muito magro, atrás do texto “Uma vítima da Aids agoniza em praça pública”.
- + Em Piraju, as pessoas ficaram sabendo do diagnóstico de Aids do ícone do carnaval, Rono. O que antes era um rumor foi confirmado de uma vez por todas.
- + O José Luiz conta que escutou muitos comentários sobre o tio ter morrido de Aids.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

TEC MÚSICA “HÁ TEMPOS - LEGIÃO URBANA”

LOC

- + Apesar dos comentários desconfortáveis e preconceituosos escutados pela família, o Rono fez muita falta entre as pessoas que conviveram com ele.

- + E Piraju como um todo sentiu muita falta dele. Tanto é que ele foi homenageado no Carnaval seguinte à sua morte e permanece no imaginário de muitos pirajuenses até hoje.
- + Eu perguntei para as pessoas que entrevistei para este programa qual a memória que elas têm viva dele hoje, mais de 30 anos após sua partida.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + Essa é a Tânia Guerra, amiga e parceira do Rono na escola de samba Juventude Alegre.

TEC ENTREVISTA TÂNIA GUERRA

LOC

- + A próxima é a Antonia, outra grande amiga do Rono. Os dois passavam horas juntos na praça Brasilinha de Piraju, que fica no centro da cidade.

TEC ENTREVISTA Antonia

LOC

- + O Norton era amigo e integrante da escola de samba rival à de Rono, a Unidos do Bairro Alto.
- + Ele lembra da influência do Rono no Carnaval, principalmente quando ele chegava de São Paulo para Piraju.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

+ O jornalista e professor Luciano Maluly me ajudou a fazer este programa. Foi ele que entrevistou o Norton.

+ Natural de Piraju, Luciano também conviveu com o Rono quando era jovem. Ele lembra da comoção que o divo causava.

TEC ENTREVISTA NORTON

LOC

+ O sobrinho José Luiz tem memórias muito vivas de quando a família se unia para fazer as fantasias do tio para o Carnaval.

TEC ENTREVISTA JOSÉ LUIZ

LOC

+ A sobrinha Renata se recorda da alegria que o tio transbordava.

TEC ENTREVISTA RENATA CAMARGO

LOC

+ E o Carlinhos Barreiros, um dos melhores amigos do Rono, diz que ele é insubstituível.

TEC ENTREVISTA CARLINHOS BARREIROS

TEC MÚSICA “PRO DIA NASCER FELIZ - CAZUZA”

LOC

+ Chegamos ao fim do especial Cenas cortadas: um memorial da Aids.

+ Foi um prazer poder contar as histórias do Rono e honrar o legado que ele deixou.

- + Assim como a do Rono, imagina quantas histórias muito bonitas não tiveram seu final antecipado de maneira tão inesperada pela Aids.
- + Se antigamente eram só Renato Russo, Cazuza e Freddie Mercury que ganhavam páginas de jornais para ter suas histórias contadas, espero que a gente possa mudar isso. E também mudar a forma como a Aids é vista.
- + Hoje, já existe tratamento para a doença. O que ainda persiste é a estigmatização.
- + Hoje, já existe tratamento para a doença. O que ainda persiste é o estigma (27:29).
- + O retrato da Aids eternizado pela capa da Veja do Cazuza tem que ficar para trás.
- + O que não se deve deixar para trás são as memórias de quem viveu o auge dessa epidemia. Mesmo 30, 40, 50... 100 anos depois, ainda é tempo de lembrar dessas histórias. Sempre será tempo.

TEC MÚSICA “PRO DIA NASCER FELIZ - CAZUZA”

LOC

- + A narração, produção, edição, direção e roteiro deste programa foram feitos por mim, Edson Junior.
- + A arte de capa deste programa no Spotify foi feita pela jornalista Mariana Arrudas.
- + As entrevistas e a pauta foram feitas por mim, com o auxílio do professor Luciano Maluly, orientador deste trabalho, a quem sou grato pelo apoio.
- + Este programa é um Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da USP.
- + Aproveito esse espaço para fazer meus agradecimentos do TCC.
- + Devo muito à minha mãe, Silvana, e meu pai, Edson, que me ensinaram a sonhar e me deram todo o apoio para me formar na melhor universidade da América Latina.
- + Obrigado ao resto da minha família e à minha cachorrinha, Emily, pela companhia e pelo carinho.
- + Muito obrigado a todos os amigos de São Paulo e de Maceió, cidade onde nasci e vivi toda a infância e adolescência. Sem vocês nada disso seria possível.
- + Agradeço também ao jornalista Kaynã de Oliveira, que fez junto comigo a narração do primeiro episódio deste especial.
- + E, por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que perderam alguém pela epidemia de Aids.

- + Este episódio usou trechos das músicas Pro dia Nascer Feliz e Ideologia do Cazuza e Há Tempos e Perfeição da banda Legião Urbana. Também foi utilizado um trecho de um arquivo da TV Globo.
- + Você também pode ouvir este programa na íntegra no Spotify e no site usp.br/radiojornalismo.
- + Obrigado por nos acompanhar e até mais!

TEC

VINHETA ENCERRAMENTO UNIVERSIDADE 93,7